



Superando o preconceito com o conto crioulo do Mestre Didi

Rossival Sampaio Morais¹

Jane Heber²

Introdução

As práticas de ensino na EJA, assim como em todo o ensino público cumpre o papel de romper com algumas barreiras que impedem ou limitam que o conhecimento avance, principalmente quando se é observado que socialmente estão impregnados diversos preconceitos, estigmas e estereótipos nocivos à construção de um ensino democrático, plural e que dê conta das demandas de uma sociedade que urge por maior participação social. No campo das crenças, que acabam reproduzindo práticas discriminatórias e intolerância religiosa que acabam sendo sentidos no espaço da sala de aula. A esse respeito assim define CHARAUDEAU (2010):

A crença [...] é, pois, um domínio que se define pelo encontro entre uma verdade como “saber que se sabe saber” e um sujeito que se dirige a essa verdade animado de uma “certeza sem provas” e que dela se apropria. Reconhecem- Se aqui os movimentos individuais ou coletivos de adesão a grandes sistemas de pensamento ou a algumas narrativas do mundo que constituem o suporte das crenças religiosas, mágicas ou míticas [...]. Toda adesão a ideias preconcebidas, a rumores, a julgamentos estereotipados que aparecem sob a forma de enunciados mais ou menos fixos [...] que circulam nos grupos sociais, participa desse fenômeno de crença (CHARAUDEAU, 2010, p. 121)

No plano prático devemos oportunizar didaticamente possibilidades de desconstruir essas visões deturpadas que excluem e não oportuniza o reconhecimento de um arcabouço cultural que faz parte de nossa ancestralidade.

Na EJA, modalidade de ensino com seus sujeitos marcados por vivências e experiências múltiplas, é possível perceber as evidências desses percursos e itinerários de vida, sendo necessário que haja um olhar sensível quanto ao ensino pelo docente no reconhecimento desses

¹ Graduado em Pedagogia, Especialista em Alfabetização e Letramento (UFBA), Mídias e Educação (UESB), Mestrando em Ensino (UNIVATES). Professor e Coordenador Pedagógico da Rede Pública de Ensino. E-mail: ita.morais@hotmail.com.

² Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências Química da Vida e Saúde, Professora do Mestrado em Ensino da Univates. E-mail: jane.herber@univates.br.



trajetos de vida dos sujeitos da EJA, a fim de que se possa desconstruir algumas visões errôneas que socialmente se veicularam à cultura afro-brasileira. Para adentrarmos nessa questão é interessante termos consciência que socialmente aprendemos e reaprendemos em comunhão, e nessa lógica também introjetamos formas de exclusão que cria barreiras para que novos acessos sejam permitidos.

Os diversos tipos de textos (contos, relatos...) são pontes que contribuem para que esse desafio seja efetivado na EJA. Frente a essa tarefa é interessante refletir o que Mandela(1995,p.115) nos diz:

Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, ou por sua origem, ou sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se elas aprendem a odiar, podem ser ensinadas a amar, pois o amor chega mais naturalmente ao coração humano do que o seu oposto. A bondade humana é uma chama que pode ser oculta, jamais extinta.

Através desse adágio, o de que se é possível reconstruir processos e aprendizagens que o conto afro-brasileiro oportunizará processos de mediação didática movendo uma gama de saberes que comungam com uma prática interdisciplinar à possibilidade de desconstrução de visões racistas e ou preconceituosas repassadas pelas trocas sociais.

O conto afro-brasileiro focado numa perspectiva de letramento racial permite colaborar com a desconstrução de estereótipos e formas de pensar que agem de forma a desrespeitar o convívio entre os sujeitos da EJA. Dada a importância que o conto afro-brasileiro tem na efetivação do letramento racial, sua mediação transcende mediações simplórias e ousa agir sobretudo unindo prática cotidianas das quais fazem parte a leitura, a escrita e interpretação e relacionar ao contexto conto afro-brasileiro. Dessa maneira esse relato de experiência vem mostrar uma sequência didática numa turma de EJA da rede pública de ensino e tem como objetivo: mostrar a importância do letramento racial no combate ao preconceito e discriminação religiosa numa turma de educação de jovens e adultos.

Metodologia

O nosso país é uma nação cujo processo histórico foi marcado pela contribuição dos diversos povos. Em algumas cidades, a exemplo de Salvador, capital baiana, porém a contribuição africana possui uma realidade acentuada ao defrontarmos com a gênese da formação do povo baiano. O legado africano ao qual foi inscrito a população soteropolitana necessariamente não simboliza que aja reconhecimento dessa herança por parte da população baiana. Os alunos da EJA vivem numa região periférica da cidade de Salvador e muitos

desconhecem a história de seu povo e ainda convive com visões estereotipadas acerca dele. É preciso desmistificar os conhecimentos culturais revelando como os processos marginalizantes acentuam o racismo e seu processo contínuo de exclusão. Diante do exposto, esse trabalho ou ação didática se subdivide em alguns momentos que permitem compreender a ação desenvolvida numa turma da EJA, especificamente no Tempo de Aprendizagem I (TAP I), da rede pública de ensino.

1º Momento (Sensibilização)- Conversa informal com a professora regente da turma de forma prévia, explicando que se tratava de uma prática focada na cultura afro-brasileira. Esse momento foi previamente acordado com a professora regente que de imediato concordou com a proposta de intervenção e inclusive ajudou na mediação em sala de aula.

2º Momento (Conhecimento do conto) - Esse momento inicial, já sendo desenvolvido em sala de aula teve o intuito de apresentar a proposta com o conto aos alunos da turma e de antemão foi pensado nos diversos desdobramentos possíveis que dariam a partir da leitura do conto, como por exemplo, a presença de personagens vinculados a religiosidade africana. O conto afro-brasileiro escolhido foi escrito por Mestre Didi. Preliminarmente foi discutido a importância do tema para os alunos da EJA, num contexto como a da cidade que era marcado pela forte presença africana e que como afro-brasileiros precisávamos reconhecer esse legado deixado para nós. Nesse ponto foi explicado que com os tempos a igreja e a sociedade tentaram invisibilizar muitos aspectos da cultura africana, sobretudo a religião, onde criou-se muitos estereótipos e preconceitos acerca de religiões de matriz africana. Esse ponto foi pontuado de forma a deixar claro que a intenção daquela prática não era tratar de religião, mas que personagens no conto estariam vinculados à questão anteriormente posta, porém o foco tinha o viés literário mas com objetivos de superar essa discriminação socialmente posta.

Foi explicitado o que era um conto afro-brasileiro, inicialmente explicando o que é um conto em si, contrastando com outros gêneros textuais e a partir daí explicado especificamente o conto afro-brasileiro, que teria o mesmo sentido que o conto, só que este imerso na cultura afro-brasileira, com seu contexto, personagens voltados a um contexto cultural, que era nossa realidade na EJA. Aqui vale mencionar que o texto foi adaptado, embora a leitura do conto se deu de forma fidedigna ao conto original e se mantivesse a essência desse conto para fins didáticos, cujos personagens principais eram a vendedora de Açaças, Ogum e a advinha(ifá).

3º Momento (culinária baiana) - Nessa aula que teve uso de Datashow, foi explicado a contribuição afro-brasileira em muitas comidas na Bahia, como abará, açaá, acarajé, o aluá,

inclusive desmistificando o processo discriminatório que alguns grupos se utilizam para referir a esse legado afro-brasileiro, a exemplo do acarajé e do açaá.

4º Momento (atividades contextualizadas) – Na mediação das duas aulas seguintes foram planejadas ações contextualizadas envolvendo o conto afro-brasileiro em questão. Sempre era iniciado recontando e ouvindo o relato dos alunos, como forma de valorizar a sua oralidade. Dessa maneira personagens como advinho, ifás, Ogum, velhinha e diversas outras palavras do conto foram o mote dessas aulas, que envolvia o processo de aquisição da leitura e escrita, envolve atendimento individualizado e foco no processo de alfabetização e letramento. Algumas intervenções a nível individual eram realizadas atentando ao nível e leitura e escrita dos alunos.

Alfabetização e letramento

O processo de apreensão de leitura e escrita é uma das metas mais importantes no ensino voltado à educação de jovens e adultos. Se tratando dessa modalidade é válido considerar que os educandos, sujeitos do processo possuem um arcabouço de vivências e de imersão cultural que precisam ser validadas ao se empreender a alfabetização e o letramento desses indivíduos. De antemão vale a pena distinguir esses dois processos, importantes nas etapas iniciais da educação de jovens e adultos. A alfabetização, mais difundido nas escolas é um termo que segundo Magda Soares (2004, p.15) etimologicamente “não ultrapassa o significado de “levar à aquisição do alfabeto”, ou seja, ensinar o código da língua escrita, ensinar as habilidades de ler e escrever”. Essa autora complementa advertindo que a alfabetização é um “processo de compreensão, expressão de significados por meio do código escrito”. SOARES (2008, p.16).

Coadunando com essa perspectiva Tfouni(2010, p.11) se refere a alfabetização como aquela que “ se refere a aquisição da leitura enquanto aprendizagem de habilidades para leitura, escrita e as chamadas práticas de linguagem.

Recorrendo novamente a Soares (2003), essa autora descreve de forma clara a etapa da alfabetização, processo valoroso na educação de jovens e adultos:

“Alfabetização – tomando-se a palavra em sentido próprio – como processo de aquisição da “tecnologia da escrita”, isto é, do conjunto de técnicas – procedimentos, habilidades – necessárias para a prática da leitura e da escrita: as habilidades de codificação de fonemas em grafemas e de decodificação de grafemas, isto é, o domínio do sistema de escrita (alfabético, ortográfico), habilidades motoras de manipulação de instrumentos e equipamentos para que a codificação e decodificação se realizem, isto é, a aquisição de modos de escrever – aprendizagem de uma certa postura corporal adequada para

escrever ou para ler, habilidades de uso de instrumentos de escrita (lápis, caneta, borracha, corretivo, régua, de equipamentos como máquina de escrever, computador...), habilidades de escrever ou ler seguindo a direção correta da escrita na página (de cima para baixo, da esquerda para direita), habilidades de organização espacial do texto na página, habilidades de manipulação correta e adequada dos suportes em que se escreve e nos quais se lê – livro, revista, jornal, papel, sob diferentes representações e tamanhos (folha de bloco, de almanaque, de caderno, cartaz, tela de computador...). Em síntese: alfabetização é o processo pelo qual adquire o domínio de um código e das habilidades de utilizá-lo para ler e para escrever, ou seja, o domínio da tecnologia – do conjunto de técnicas – para exercer a arte da ciência da escrita. (SOARES, 2003, p.91)

O letramento, foco dessa discussão é concebido por sua vez como o processo que “focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição de um sistema escrito por uma sociedade” (Tfouni 2010, p.22), embora sejam processos distintos, de natureza essencialmente diferente; entretanto, são interdependentes e mesmo indissociáveis (Soares,2003). Partindo da premissa Freiriana que a leitura de mundo precede a leitura da palavra, é interessante perceber as práticas de letramento como aquelas que se valhem de situações que perpassam o simples ler e escrever, mas utilizar esses num desafio conjunto. Embora Dionisio (2007, p.209) considere o letramento como “[...] um conjunto de práticas sociais que envolvem o texto escrito” é interessante ponderar que o processo ao qual se desenvolve é mais amplo, acerca dessa afirmação é coerente observar a consideração de Soares (2006) em que esta considera-o como “o conjunto de práticas sociais ligadas à leitura e à escrita em que os indivíduos se envolvem em seu contexto social” (SOARES, 2006, p.72)

Letramento racial

A partir das considerações em torno de processos tão importante como o de alfabetização e o de letramento é interessante ponderar que o letramento dado a sua imersão na cultura tem uma importância de destaque para que se canalize um ensino afro-referenciado na EJA. Entendido como ato social e político a prática de letramento, que supera as simples habilidades de ler e escrever, mas se utilizar dessas num projeto em que são possíveis construções de identidade e poder. Essa premissa pode ser analisada nas diversas práticas de ensino de letramento que ocorrem em contextos afro-brasileiros e com legado possível de ser explorado com correlações que dialogam com a ideia de Letramento racial.

Visto como uma prática de valorização cultural do indivíduo e desta frente a outras culturas, assim pode ser considerado:

Letramento racial é um conjunto de práticas. Pode ser melhor caracterizado como uma "prática de leitura" - uma forma de perceber e responder individualmente às tensões raciais e estruturas raciais. Os critérios analíticos que empregamos para avaliar a presença do letramento racial [...] e incluem o seguinte: 1) um reconhecimento do valor simbólico e material da Brancura; 2) a definição de o racismo como um problema social atual e não como um legado histórico; 3) um entendimento que as identidades raciais são aprendidas e um resultado de práticas sociais; 4) a posse de gramática racial e um vocabulário que facilite uma discussão sobre raça, racismo e antirracismo; 5) a capacidade de traduzir e interpretar códigos raciais e práticas racializadas e 6) uma análise das formas como o racismo é mediado pelas desigualdades de classe, gênero hierarquias, e heteronormatividade (TWINE & STEINBUGLER, 2006, p. 344) (Tradução nossa)

Essa acepção do letramento racial precisa ser encarada de forma a possibilitar que a prática de letramento na EJA seja consciente ou encarando a existência e consequente combate ao racismo não concebendo que enquanto profissionais sejamos inocentes frente a um contexto que requer cotidianamente que tragamos um debate apurado sobre uma prática antirracista na EJA. Interessante refletir que:

[...] na escola, eventos e práticas de letramento são planejados e instituídos, selecionados por critérios pedagógicos, com objetivos predeterminados, visando à aprendizagem e quase sempre conduzindo a atividade de avaliação. De certa forma, a escola autonomiza as atividades de leitura e escrita em relação a suas circunstâncias e usos sociais, criando seus próprios e peculiares eventos e suas próprias e peculiares práticas de letramento (SOARES, 2004, p.107).

Esses momentos são um cotidiano na escola, porque não aliar momentos semelhantes tendo vista reorientar os objetivos pedagógicos e os saberes previamente. Porque não incluir os contos afro-brasileiros, lendas, mitos e outros gêneros cujas relações raciais sejam mais comumente contracenados com a realidade de nossos alunos?

Ter a capacidade leitura de mundo para que seja compreendido o contexto racializado é fundamental para que possamos dialogar numa proposta de letramento racial no sentido de uma sociedade antirracista.

A adesão a uma proposta de letramento racial é desafiadora numa sociedade que se mostra conservadora, racista e misógina. Assim é crucial:

Conhecer as histórias e as culturas africana e afro-brasileira não é apenas uma obrigação imposta por força de lei. É importante para combater a desigualdade, a discriminação e para compreender verdadeiramente a história e a cultura brasileiras. Assim, acumulamos forças para a formação de uma sociedade justa, igualitária e fraterna, livre de toda forma de preconceito, discriminação e opressão, independentemente de cultura, religião, raça e etnia, gênero e orientação sexual. SILVA (2019, online)

Dessa maneira decidir por uma prática democrática como a exposta acima requer entrega ao momento em que o educador também se veja progressista, seja nas escolhas dos materiais e conteúdo, conseqüentemente em seus objetivos pois deles emergem vinculação com uma prática de letramento racial.

Resultados e Discussão

A prática de sala de aula oportunizou conhecer a dimensão e amplitude que o processo de alfabetização e letramento pode ter numa sala de aula. Geralmente são levados textos de naturezas diversas, mas nem sempre se é atentado para abordagens fincadas no plano cultural. As aulas iniciais dispenderam um grande esforço e preparo a nível de planejamento para que a discussão em torno da temática afro-brasileira fosse sucedida. Logo esse momento inicial foi de grande importância para que os alunos compreendessem o porquê da escolha daquele conto afro-brasileiro, que para além de contribuir com processo de letramento dos alunos dialogava com a cultura afro-brasileira. Sabendo da presença de alunos de religião evangélica a explicação envolveu uma discussão de natureza histórica à qual apreendeu também questões envolvendo o preconceito e a discriminação que inclusive tinham repercussões negativas na forma de ver de algumas religiões, que acabam satanizando a cultura e a religião de matriz africana e indígena, por exemplo. Essas questões foram delineadas sempre trazendo uma análise com base em leis como a própria CF³ que zela pela liberdade e pelo respeito de todos.

Foi mostrado algumas palavras do conto (de origem iorubá) que representava o universo cultural contido naquela literatura e sempre com o intuito de evidenciar que no universo literário cabem todas as culturas, inclusive a personagens de religiões de matriz africana. Por ser um campo delicado, o intuito de desconstruir narrativas que “diabolizam” a cultura afro-brasileira foi vista com êxito nessa mediação.

Aqui vale frisar que se percebeu que algumas alunas de religião afro-brasileira passaram a frequentar com mais entusiasmo as aulas. Acreditamos que ao ver no quadro branco, nas atividades impressas, na discussão com Datashow, na organização de mural ilustrado dados e informações que endossavam o que lhe era importante, sem, contudo, ter uma conotação de ordem religiosa, estas se viam representadas naquela realidade.

³ Constituição Federal

Os resultados apresentados envolveram maior protagonismo da turma, assim como o desenvolvimento do respeito e desmistificação de conceitos acerca da cultura afro-brasileira e inclusive nos permitiu ousar em projetos futuros.

Considerações Finais

A prática de ensino utilizando o conto afro-brasileiro nos trouxe a oportunidade de transgredir o cotidiano escolar ao desafiar modelos engessados de ensino que se utilizam de práticas de letramento na EJA. É necessário um olhar que transcenda a imobilidade pois só se vence desafios no ensino da EJA quando rompemos com alguns paradigmas instaurados socialmente. Estigmas e estereótipos precisam ser superados para que emergjam novas perspectivas no processo de aprendizado.

A escola precisa instaurar um processo dialógico que possibilite quebrar as barreiras que ainda permitem a preservação desses pseudovalores, nocivos a uma convivência harmônica e democrática. Se o racismo e o processo de exclusão depreendido por ele existe, podemos, através de uma prática organizada e interventiva ajudar na superação dessa realidade.

Mediante o exposto, concluímos que não deve existir espaço para cerceamento aos saberes em sala de aula. Cabe à escola a tarefa de arregimentar esforços no tocante ao processo de elucidar pontos de vistas e para isso o conhecimento acerca dos artefatos culturais deve ser uma pauta presente nas reuniões e prioridades na EJA.

Referências

Cajé, Antonio Marcos dos Santos. Literatura dos contos afro-brasileiros, conhecendo nossas histórias afrodescendentes. Revista da Associação Brasileira de Literatura Comparada- Abralic, v.18,n.28, 2016. Disponível em: <https://revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/view/393> Acesso: 06.10.2023.

CHARAUDEAU, P. Discurso das mídias. São Paulo: Contexto, 2010

DIONÍSIO, Maria de Lourdes. Entrevista com Maria de Lourdes Dionísio: Educação e os estudos atuais sobre o letramento. In: PELANDRÉ, Nilcea e FICHER, Adriana. Perspectiva. Florianópolis, v. 25, nº 1, p. 209-224, jan/jun 2007. Disponível in:<http://kino.iteso.mx/~gerardpv/tesis/metod-cualitAtkinson.htm>) Acesso em 70.10.2023.

MANDELA. Long Walk To Freedom: The Autobiography of Nelson Mandela.

Little, Brown and Company. 1995. Disponível em: <https://zelalemkibret.files.wordpress.com/2012/01/the-autobiography-of-nelson-mandela.pdf> Acesso: 09.10.2023

SOARES, Magda. Letramento e escolarização. In: RIBEIRO, era Masagão (org.). Letramento no Brasil. São Paulo: Global, 2003. Pt. 2 p.89-115.

SILVA, Marcos Fabrício Lopes da. Educação e letramento racial. Boletim nº 2081 - ano 46 - 18.11.2019. Disponível:

<https://ufmg.br/comunicacao/publicacoes/boletim/edicao/2081/educacao-e-letramento-racial>.

Acesso: 07.10.2023.

SOARES, Magda. Alfabetização e Letramento. 2 ed. -São Paulo: Contexto, 2004.

TFOUNI, Leda Verdiani. Letramento e Alfabetização.9 ed. – São Paulo: Cortez, 2010. (coleção questões da nossa época; v.15).

TWINE, F. W.; STEINBUGLER, A. C. The gap between whites and whiteness: Interracial Intimacy and Racial Literacy. Du Bois Review: Social Science Research On Race, n. 2, v. 3, p. 341-363, 2006